



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS**

JAMILE DOS SANTOS

**OS EFEITOS DO RACISMO SOBRE A ESTÉTICA CAPILAR DA MULHER
NEGRA: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DO LIVRO “*NAPPILY EVER
AFTER*”**

**CAMPINA GRANDE
2022**

JAMILE DOS SANTOS

**OS EFEITOS DO RACISMO SOBRE A ESTÉTICA CAPILAR DA MULHER
NEGRA: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DO LIVRO “NAPPIL Y EVER
AFTER”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Linguística, Letras e Artes.

Orientador: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Jamile dos.
Os efeitos do racismo sobre a estética capilar da mulher negra [manuscrito] : uma análise da adaptação fílmica do livro *"Nappily ever after"* / Jamile dos Santos. - 2022.
27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Mulher negra. 2. Cabelo crespo. 3. Identidade. 4.
Racismo. I. Título

21. ed. CDD 801.95

JAMILE DOS SANTOS

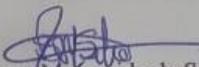
OS EFEITOS DO RACISMO SOBRE A ESTÉTICA CAPILAR DA MULHER
NEGRA: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO FILMICA DO LIVRO "NAPPILY
EVER AFTER"

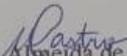
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduação em Letras Inglês.

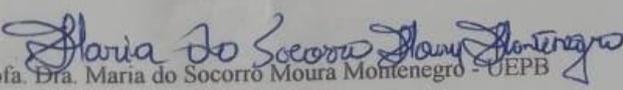
Área de concentração: Linguística,
Letras e Artes.

Aprovada em: 28/07/2022.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva - UEPB
(Orientadora)


Profa. Dra. Paula Alcinda de Castro - UEPB
(Examinadora)


Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - UEPB
(Examinadora)

Dedico esse trabalho com pontual estima a todas as pessoas que acreditaram em mim, em tantos momentos de luto, luta e dor... E quando minha mente falhava e meu corpo padecia, lá estavam eles a me resguardar de amor e árdua solidariedade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Penteado Cabelo Coque	19
Figura 2 –	Penteado Trança Nagô.....	19
Figura 3 –	Penteado Trança	20
Figura 4 –	Jamaicana Penteado <i>Dread Lock</i>	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	IDENTIDADE	08
2.1	A identidade da mulher negra	10
2.2	<i>Cabelo como símbolo histórico e identitário</i>	11
2.3	<i>Racismo e a estética capilar da mulher negra</i>	15
3	METODOLOGIA	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
4.1	Apresentação da trajetória da protagonista	18
4.2	Análise dos dados da narrativa fílmica	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	24

**OS EFEITOS DO RACISMO SOBRE A ESTÉTICA CAPILAR DA MULHER
NEGRA: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DO LIVRO “NAPPILY EVER
AFTER”**

**THE EFFECTS OF RACISM ON CAPILLARY AESTHETICS OF BLACK WOMAN:
AN ANALYSIS OF FILM ADAPTATION OF THE BOOK “NAPPILY EVER AFTER”**

Jamile dos Santos¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender os fenômenos que levaram mulheres negras de cabelo crespo a não utilizarem seus cabelos naturais, buscando o distanciamento das características identitárias de seu povo. Nessa perspectiva, no intuito de compreender a influência das relações pessoais, afetivas e sociais, essa pesquisa foi feita com base no estudo da personagem Violet, dentro das cenas do filme, *Felicidade por um fio*, uma adaptação fílmica do livro *Nappily Ever After* de autoria de Trisha R. Thomas. Violet, uma mulher negra, de 35 anos, buscava nos procedimentos estéticos capilares um caminho para a aceitação social. Alguns paradigmas abordados foram: Os relacionamentos patriarcais, os relacionamentos amorosos, a mulher negra no mercado de trabalho. No que se refere aos resultados, infere-se que as mulheres negras de cabelo crespo sofrem com a tradição de serem inseridas no movimento de branqueamento desde o seio familiar. Essa herança da escravidão fez com que a mulher negra de cabelo crespo sofresse preconceito e se amasse cada vez menos quando associada as tradições e cultura afro.

Palavras-chave: Mulheres negras. Cabelo crespo. Identidade.

ABSTRACT

This study aims at understanding the phenomena that led curly-haired black women to avoid using their natural hair, in an attempt at distancing themselves from the identity characteristics of their own people. Therefore, in order to understand the influence of personal, affective, and social relationships, this research was based on the study of the character Violet, within the scenes of the movie, *Happily Ever After*, a movie adaptation of the book *Nappily Ever After* by Trisha R. Thomas. Violet, a 35-year-old black woman, sought in the aesthetical hair procedures a path to social acceptance. Some paradigms approached were: Patriarchal relationships, loving relationships, the black woman in the job position. Regarding the results, it is possible to infer those black women with curly hair are suffering from the tradition of being inserted in the whitening movement since the family environment. As a result of this legacy of slavery, the black woman with curly hair has suffered prejudice and has loved herself less and less when associated with Afro traditions and cultures.

Keywords: Black women. Curly hair. Identity.

¹ Graduanda pelo curso de Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba, *Campus I* – Sede. E-mail: teacherjamile95@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A população do Brasil é formada por grupos étnicos diversos e os indivíduos são livres para se autodeclarar pertencentes a um grupo social, étnico e cultural. A Constituição Federal Brasileira diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...” (CONSTITUIÇÃO, 1988). Entretanto, por consequente herança da escravidão vivida pelos povos negros no Brasil, esses brasileiros ainda sofrem com a desigualdade no país. Segundo a Defensoria pública do estado do Paraná (DPE, 2016), mesmo com a abolição escravocrata os negros ainda sofrem com a desigualdade social, ocupando cargos empregatícios que exigem menor grau de instrução acadêmica, obtendo remuneração abaixo do salário dos homens brancos e por consequência, as mulheres negras são as que mais sofrem com essa desigualdade, sendo elas vítimas de violência em maior número que as mulheres brancas.

As mulheres negras são vítimas da desigualdade social e de gênero. Segundo o Portal Geledés (2016), os dados e estatísticas demonstram que a mulher negra ocupa (61,7%) da população em empregos domésticos, enquanto as mulheres brancas lutam para equiparar seus salários aos dos homens brancos. A mulher negra assume, por consequência, a falta de oportunidade de egresso em um emprego formal e a falta de oportunidade de estudar em uma instituição superior de ensino. Segundo Repórter, Unesp (2002), “A mulher deve ser alta, magra, branca, com cabelos lisos e loiros, de preferência longos, e sempre muito bem cuidados, assim como nos anúncios e propagandas de estética”. A estética da mulher negra também é colocada em desigualdade, se tornando um objeto de críticas, tendo sua autoestima colocada à prova em uma sociedade racista.

É construída uma ditadura que rege como a mulher deve estar esteticamente para poder se adequar ao conceito de beleza imposto pela sociedade, colocando a identidade da mulher branca como ideal para a criação dos aspectos pertencentes ao belo e ao apresentável. Para Gomes (2006), a mulher negra sofre para se adaptar à sua própria identidade. Por ter o cabelo crespo discriminado, ela pode sofrer com a sensação de inferioridade e baixa autoestima, o que também é vivenciado dentro de sua própria casa por parte de seus familiares e amigos.

As vivências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso dos produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo, as tranças são as mais utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra, hoje, uma mulher adulta, como o penteado preferido pela infância (GOMES, 2006, p. 43).

Diante disso, este estudo tem, enquanto relevância acadêmica e sociocultural, enfatizar o processo de (des)construção vivenciado pela mulher negra, desde a infância até a fase adulta, tendo como objeto de estudo a personagem Violet, dentro das cenas do filme, *Felicidade por um fio*, uma adaptação fílmica do livro *Nappily Ever After* de autoria de Trisha R. Thomas.

Ao delimitar o tema foi levada em consideração a auto rejeição da mulher negra à sua identidade, utilizando a análise das cenas do filme e a obra da Dra e pesquisadora em antropologia, Nilma Lino Gomes (2006) que conceitua a identidade negra como objeto de estudo. Assim, esta pesquisa faz uma análise qualitativa/descritiva das cenas do filme *Felicidade por um fio*, analisando as

vivências da personagem Violet, uma mulher negra que busca em sua aparência a facilitação de suas conquistas, a representação da mulher negra está sendo moldada a partir da conjuntura social.

São levadas em consideração fontes primárias como livros e trabalhos acadêmicos em que o estudo da mulher negra e a adequação aos padrões sociais são o principal protagonismo, assim como cenas que demonstram o papel da mulher negra na adequação aos parâmetros sociais. Estas cenas estão presentes do início até a metade do filme, no qual a desconstrução da idealização de beleza apenas no cabelo liso também possui destaque.

A análise foi abordada por meio de recursos audiovisuais, com ênfase na observação e descrição do filme, em suas cenas relevantes ao tema proposto. O objetivo da análise é concluído com a ajuda do aporte teórico, presente em livros e trabalhos acadêmicos, que retratam a mulher negra como principal gênero de estudo, com o intuito de descobrir os motivos da não utilização do cabelo crespo pela personagem que protagoniza o filme.

Devido à necessidade de abordar temas relevantes à compreensão social dos indivíduos, essa pesquisa justifica-se através da compreensão de fatos históricos, sociais e culturais que contribuem para a não utilização do cabelo natural, por mulheres negras de cabelo crespo. Com a finalidade de contribuir com os estudos de gênero, no que cerne à mulher negra e sua oposição ao uso do cabelo natural por efeito do racismo.

Para compreensão do tema proposto, estudos como esse foram cruciais para conhecermos os conjuntos de características que distinguem a população negra, para entendermos sua individualidade cultural e social, como se identificam, como se sentem, como são vistas e tratadas socialmente e conhecer também os aspectos físicos e emocionais que permeiam a visão do seu cabelo e corpo, as construindo ou desconstruindo a depender do contexto. Para a melhor compreensão deste estudo foi realizada uma revisão da literatura sobre conceitos, visões e abordagens quanto aos temas de identidade, a mulher negra, características da mulher negra, cabelo crespo e racismo.

O presente estudo está dividido em quatro tópicos. No primeiro tópico que é a introdução, teremos o primeiro contato que contextualiza uma visão mais geral do que será desenvolvido durante a pesquisa. No tópico dois, nomeado de Identidade, iremos aprofundar a questão da identidade do sujeito em sua dimensão social e cultural. No terceiro tópico, explicitaremos a metodologia que foi utilizada durante a narrativa da pesquisa, e por fim, o quarto tópico apresentará a trajetória da protagonista e fará uma análise dos dados da narrativa fílmica.

2 IDENTIDADE

Compreende-se por identidade um conjunto de características próprias de cada indivíduo e como eles podem se relacionar em meio a seu grupo. Segundo Habermas (1998, p. xx), “a auto identificação predicativa que efetua uma pessoa é, em certa medida, condição para que essa pessoa possa ser identificada genericamente pelas demais”. Assim, a identidade é a marca registrada de cada indivíduo perante os demais.

Nesse mesmo cenário, Habermas (2004) descreve a identidade do eu correlacionando-a com a maneira de falar e agir de um sujeito, o mais identificável possível de seu grupo sociocultural e a sua participação no grupo a partir do conceito enraizado nas relações patriarcais. Nesse contexto, os indivíduos estão

condicionados a pensar e agir em conformidade com as experiências já vivenciadas durante sua infância as reproduzindo na vida adulta. Para este autor, o que fazemos com o nosso tempo de vida é uma indagação que permeia a nossa problemática da formação de identidade, pois se parte desse pensamento que devemos compreender a nós mesmos e a partir de tal pensamento, compreendermos quem queremos ser.

Desde o seu nascimento, o indivíduo se torna pertencente a um grupo, é inserido em um grupo, ambiente, a uma cultura, a um pensamento. Conforme o seu crescimento, vai se adequando e se transformando em algo próprio de si mesmo. Para Habermas (1998), a forma como o indivíduo se enxerga perante os demais, cria sobre ele poderosa indicação de identificação. Desse modo, reflete-se sobre uma identidade mutável, não obstante da identificação cultural enraizada por seus antepassados. Para Reis (2006, p. 102), “os indivíduos são educados para que venham a continuar biológica e socialmente a estrutura familiar”. Pode-se entender que ao longo de seu crescimento o indivíduo é suscetível a mudanças de alguns aspectos da identidade primária que lhe foi ensinada, mas, não pode se desvincular totalmente dela, pois suas raízes e tradições fazem parte dele.

De acordo com Habermas (1998), a identidade é um conjunto de características que auto identifica os seres, como seres genéricos aos olhares dos outros indivíduos. Dentro dessa conjuntura de identidade existe diferentes ramos identitários que denominam onde cada ser se acomoda, devido a sua pretensão. Pelo viés da construção sociocultural, Edemar (2011, p. 60) relata que “a dimensão pessoal coabita na dimensão social, pois parte-se do princípio de que todo ser, além de se fazer parte de um grupo social, convive com vários outros”. Desse modo, Edemar (2011) traz em sua escrita o conceito de identidade sociocultural como aspectos sociais e culturais pertencentes a um grupo, entrelaçando as questões pessoais e sociais de um ser, dentro desses grupos sociais, questões pessoais se tornam um ponto para definir a qual grupo cada sujeito se adequa conforme a sua história familiar, política e social, a depender da situação sociocultural do indivíduo e seus percursos.

Em vista disso, compreende-se por identidade, segundo Habermas (2004), em parcialidade com a identidade do eu, a maneira como o sujeito fala e age, da forma que o faz permanecer idêntico a si mesmo, simbolizando os ideais pertencentes a seu grupo, e os reproduzindo mediante a sociedade, sendo identificável a sua participação em seu nominado grupo a partir do conceito de raízes.

Nesse contexto, Hall (2006) afirma que as identidades sociais e culturais estão passando por uma transformação. As sólidas relações do indivíduo e sua propriedade cultural estão sendo fragmentadas. Com base nisto, o indivíduo, que antes era um espelho de identidade patriarcal, agora pode usufruir de uma descentralização o que segundo o autor gera uma crise de identidade. O autor ainda acrescenta que existe três concepções de identidade, a concepção do iluminismo, que é a qual crê no sujeito como uma centralização da razão, onde o sujeito utiliza de sua razão e moral para construir sua identidade, a concepção do sujeito sociológico, que crê na construção da identidade a partir das relações entre os seres, utilizando-se de valores e sentidos comuns, e a identidade do sujeito pós-moderno que constrói uma identidade mutável, passível a variações a depender da forma como os indivíduos são moldados através das mudanças sociais. Assim, na voz de Hall (2006), à mediada que o tempo que o mundo vai se transformando, o

indivíduo vai se transformando para se adaptar às novas crenças e rituais que estão em vigor. Apesar de indivisível, o sujeito pode adaptar-se aos costumes sociais que demarcam as épocas, constituindo, dessa maneira, um pensamento coletivo de individualismo.

2.1 A Identidade da mulher negra

Os aspectos que podem definir um determinado grupo social, estão presentes na sua etnia, identidade, religião. Para a revista da Universidade de São Paulo (USP, 2018,p. 53), quando os africanos foram capturados e trazidos ao Brasil, junto com eles vinha uma pluralidade de etnias, nações, línguas e culturas, presente nessa pluralidade a identidade negra. No que cerne à identidade de povos negros, Gomes (2003) diz que a identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Nesses termos, a identidade negra é entendida, por Gomes (2006), como um processo de transformação histórica que resulta na adaptação do negro a um padrão social, na busca de identificação mediante ao contato com o outro, existindo uma ligação com o mito da democracia racial, a mulher negra tem que tornar-se negra.

Nessa perspectiva, Gomes (2003) traz a identidade negra como um fator de preservação de um bem em comum. Pode-se, deste modo, imaginar a genealogia e/ou ancestralidade como base de construção de uma identidade dentro um determinado povo, levando em consideração o que eles dividem quando se relacionam com os outros, suas semelhanças na linguagem, história, costumes culturais. A mulher negra inclusa na identidade racial assume um papel de destaque na busca por reconhecimento identitário.

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituída no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras (CARNEIRO, S, 2013, p. 1).

Na voz de Carneiro (2013), a mulher negra assume um papel de destaque, com a resistência social ao papel da mulher negra dentro da sociedade, negada e escassa. Existe apenas uma continuação dos paradigmas impostos a mulher negra desde o período da escravidão. A voz da mulher continua silenciada e oprimida, um efeito de gênero e identidade suprimida, a mulher negra assume o interesse em obter reconhecimento. De tal modo compreende-se que a mulher negra não constrói sua identidade apenas com o seu próprio olhar. Para Gomes (2006, p. 28), existe uma relação tensa e complexa na construção da identidade da mulher negra, existindo o olhar do outro sobre o que está fora, o que é estético.

Segundo Gomes (2006), o corpo e o cabelo da mulher negra fazem parte da sua identidade, tido como um ícone identitário o cabelo e a cor da pele são as mais significantes partes da visão do outro sobre a relação de estética negra da mulher, e o julgamento do negro reflete-se pelo olhar de tais características. Em contato com a

identidade, a mulher negra parte do olhar da estrutura física as quais suas características são pertencentes. Para Gomes (2006, p. 28), a relação do olhar do outro sob a estética não apenas do corpo negro, faz com que exista uma relação da visão do branco influenciando a forma como o negro se enxerga. A mediação de corpo e cabelo como símbolos identitários dos povos negros e a expressão estética característica de sua ancestralidade faz com que o cabelo seja um símbolo cultural pertencente à mulher. Gomes (2006, p. 28) diz que na mediação entre corpo e cabelo, o ícone identitário que se sobressai é o cabelo crespo.

2.2 Cabelo como símbolo histórico e identitário

O cabelo é para a mulher o centro de sua beleza e poder, símbolo característico e potencializador da autoestima, podendo, assim, estar vinculado à cultura, religião, crenças e ancestralidade, visto como um símbolo da construção da identidade feminina.

Os cabelos são considerados em diversas culturas como elementos marcantes da construção da beleza feminina. Eles permitem caracterizar visualmente e muito rapidamente a mulher. Definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimento a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica vinculados a um contexto sociocultural. (KING, 2015).

Como vemos, o cabelo assume o papel de potencializador da beleza feminina, um marco característico na formação da estética da mulher, sendo um indicador de pré- julgamento à classe sociocultural a que o indivíduo pertence. O cabelo é um elemento corpóreo formador de opiniões. Para Gomes (2006), o cabelo crespo é considerado como símbolo da identidade negra no Brasil. Em conformidade com o corpo, eles formulam uma construção social, política e ideológica que foi alimentada no âmbito de crescimento familiar, a ideologia da beleza negra nasce dessa mediação.

A cultura africana permeada pelo símbolo característico de identidade nos contornos do cabelo, traz a nossa sociedade a representação cultural em seu símbolo de resistência tendo, para Carvalho (2015), uma representação da negritude existente na utilização do cabelo crespo pela mulher negra. Símbolo de resistência, o cabelo crespo e os penteados de origem africana, para Zeiger (2011), simbolizam uma arte antiga em que cada região da África aderiu a um penteado, os adequando à estética particular de cada grupo regional, desenvolvidos em padrões complexos sinalizavam o status individual, idade e filiação étnica.

Gomes (2006) afirma que o corpo da mulher tem um destaque nas representações esculpidas, estátuas, que traziam para a cultura africana uma forma de arte em que predominava a relação dos africanos com o corpo, os detalhes trazidos nas esculturas. Na voz de Gomes, (2006, 324) “as esculturas, na sua maioria, trazem detalhes como tipo de penteado, tatuagens, escarificados, sinais de prestígio”.

O cabelo como parte do corpo é pertencente a cultura africana, em uma relação estreita com a arte e o corpo. A mulher é vista pelo historiador Neyt (1993),

segundo as palavras de Gomes (2006, p.324,325) no que cerne a cultura do luba (República Democrática do Congo – antigo Zaire) como:

Entre os luba, o corpo da mulher destaca-se tanto nas representações esculpidas quanto na vida cotidiana. Em ambas, os penteados apresentam-se como uma característica marcante. Eles são extremamente sofisticados e exprimem, ao mesmo tempo, a unidade da cultura luba, sua grande diversidade (GOMES, 2006, p. 324-325).

Para Gomes (2006, p.325), a partir do olhar sobre as esculturas luba foi possível entender a história por trás da evolução dos penteados dos povos africanos de diversos grupos distintos e a importância na simbologia de certos penteados. Os estudos das esculturas africanas propiciaram o conhecimento da evolução dos penteados africanos e a extinção de alguns. O autor ainda pontua em sua narrativa a afirmação de que os penteados afros eram vistos como luxuosos, chamando a atenção até dos primeiros exploradores europeus, citando, Edward C. Hore e V. L. Cameron, que se encantaram com a forma que os povos africanos penteavam seus cabelos.

[...] Alguns povos africanos dividiam o cabelo em quatro partes, de cada qual surgiam montes que se cobriam como almofadas. Em seguida, esses montes eram trançados e completados com falsos cabelos, caso fosse necessário. As quatro tranças eram, em seguida, presas por último a um chifre de cabrito onde formavam uma cruz. O penteado se completava com espetos ou numerosos alfinetes de ferro ou de prata. [...] (GOMES, 2006, p. 326).

Todas essas tradições oriundas dos ancestrais africanos em suas primeiras práticas de penteados representavam um domínio de força e poder exercidos pelos povos negros de matriz africana em estudos que apontam o cabelo crespo como um potencial de beleza e empoderamento em décadas passadas. Como vemos, nem sempre o branco ditou o que era belo perante a cultura dos povos negros. Para Gomes (2006, p. 328), os penteados fornecem materiais para estudo e compreensão das tradições culturais africanas, relações de ancestralidade e ainda pode-se perceber que ocorreu, com o passar do tempo, recreações, porém, a continuação da representatividade do penteado africano de matriz, permanece.

Gomes (2006) afirma que os penteados apresentaram transformações, transformações essas que não extinguiram a marca forte dos penteados ancestrais que eram colocados como estátuas representantes das etnias pertencentes ao povo africano.

[...] Ao compararmos os penteados reproduzidos na estatutária das etnias africanas aqui estudadas com os que são realizados hoje pelos cabeleireiros e pelas cabeleireiras étnicas, vemos que, a despeito de todas as perdas causadas pela diáspora, algo ficou, ou melhor, nem tudo se perdeu e muito se recriou, quando refletimos sobre o simbolismo e a manipulação do cabelo negro (p. 330).

Munanga (2000) fala sobre a despersonalização do negro por consequência da escravidão, onde o ato de resistir ao sistema implantado pelo homem branco fez com que os africanos mantivessem alguns elementos culturais pertencentes às raízes africanas. Para o autor, houve uma mistura de identidade presente nos costumes do tratamento implantado ao cabelo, mas, que não teve força suficiente

para extinguir as práticas de penteados afros. Sobre isso, Gomes (2006) diz que os movimentos escravocratas em conjunto com o contato do homem branco e os povos negros, criou uma idealização de hierarquia racial, regida pela cor de pele e o aspecto do cabelo, gerindo qual tipo de beleza é elegível feio ou bonito. Compreende-se que em uma sociedade afetada pelo movimento de branqueificação dos povos negros, por consequência da miscigenação oriunda da escravidão, onde brancos e negros procriavam e juntavam suas cores e aspectos fisionômicos, a conceituação de cabelo foi logo integrada a práticas de reestruturação das técnicas e formas de se pentear.

Sobre os penteados símbolos dos povos de origem Africana que carregam em sua história a identidade dos povos negros, Silva (2020) diz que o coque é um penteado antigo que é utilizado até os dias atuais, além de ser um penteado utilizado em vários tipos de cabelo, carrega em sua simbologia a representação dos efeitos do domínio do homem branco sobre a estética capilar negra. “Algumas mulheres tentavam se encaixar na sociedade e os usavam para conter o volume dos cabelos” (SILVA, 2020, p. 01).

Figura 1 – Penteado Coque



Fonte: Dicas de penteados para cabelo crespo-De Benguela (2022).

Outro penteado de origem africana são as tranças. Segundo Silva (2020), é um penteado de origem africana que evoluiu e consiste em diversas práticas, sendo a mais antiga delas a trança nagô que “consiste em uma trança rasteira, rente ao couro cabeludo”, ainda muito utilizadas no período de transição capilar.

Figura 2 – Penteado Tranças



Fonte: Potencialidades - Penteados afro: a história e seus cruzamentos na moda (2020).

Gomes (2006, p.383) discorre sobre as tranças africanas e jamaicanas: As tranças Africanas são tranças realizadas no próprio cabelo a partir da divisão dos fios em pequenas mechas proporcionais ou não, já as tranças jamaicanas são longas tranças finas de material sintético emendadas no próprio cabelo.

Figura 3 – Penteado Trança Jamaicana



Fonte: Salão virtual: tranças africanas (2020).

Outro penteado utilizado pelos povos negros é o *dreadlock*, que na visão de Zeiger (2011) *dread locks*, algumas vezes chamados de *dreads* ou *locks*, são cordas de cabelo que se formam sozinhas, se o cabelo ficar por conta própria, sem escovar, pentear, aparar por um longo período. Esses *locks* são um fenômeno universal e que foram usados em várias culturas através dos tempos.

Figura 4 – Penteado Dread Lock



Fonte: Dread e Tranças (2022).

Em conformidade com o pensamento dos autores Gomes (2006) e Munanga (2000), que afirmam que o cabelo crespo é considerado como símbolo da identidade negra, e que a despersonalização do negro por consequência da escravidão, onde os povos negros utilizavam os penteados afro como forma de resistir a opressão sofrida pelo homem negro em consequência do período escravocrata indiciam a necessidade do empoderamento das classes oprimidas. Sob essa temática o

movimento *Black Power* no que diz respeito à forma de empoderamento e resistência à subjugação histórica das comunidades negras, conforme Boscarol (2021) afirma, é um dos movimentos raciais e culturais mais relevantes de todos os tempos. Nascido nos anos 1960, foi um movimento de combate ao racismo, na tentativa de abnegar séculos de humilhação, opressão e desrespeito, demonstrado na autoaceitação o orgulho racial.

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o *black*, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista fora considerado uma celebração da condição de negro(a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos(as) jovens negros(as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade (HOOKS, 2005, p. 2).

2.3 Racismo e a estética capilar da mulher negra

Para Rampazzo (2018), o racismo é um grave problema que a sociedade do século XXI enfrenta, que por consequência causa exclusão, desigualdade social e violência, sendo, portanto, a denominação do ato de discriminar e manifestar preconceito em desfavor dos indivíduos ou grupos de indivíduos por causa de suas características físicas. Gomes (2006, p. 23) afirma que o que dá suporte à construção da nossa identidade é a formulação do ângulo ao qual enxergamos nosso corpo, e de como ele é visto a partir dos atos racistas, sendo atribuído ao povo negro uma identidade inferior à do branco. Aos brancos foram atribuídas características de superioridade enquanto inferiorizaram a identidade pertencente ao corpo negro.

Segundo Gomes (2006, p. 23), a percepção da cor da pele, olhos; a textura do cabelo; os traços genealógicos, ou seja, o formato dos órgãos exteriores do corpo, são os fornecedores da análise da teoria racialista. Nesse sentido, o indivíduo sofre um julgamento que formula a sua valorização através desses conceitos. O pensamento de um racista é que a cor preta está associada a uma essência suja e não pura, isso planta negativamente uma semente de exclusão das qualidades morais, intelectuais e estéticas das populações negras.

Como vemos, para Gomes (2006) as características físicas pertencentes aos povos negros servem de ponto de partida para a predefinição do belo e do feio. Pode-se observar então que o cabelo crespo como forte característica do povo de pele preta está atrelado às percepções racistas de uma sociedade, a forma como o cabelo crespo é enxergado e criticado é base de pauta racista.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste (GOMES, 2006, p. 29).

Na sociedade em que vivemos a cor da pele e o aspecto do cabelo é critério para avaliar quem é branco e quem é negro, gerando, assim, a presença da prática racista a partir do olhar sob a estética e o pré-julgamento do que seria o ideal de beleza, pensamento moldado através da conjuntura social a que pertence os

indivíduos. Segundo Mulemba (2014), em análise da obra de Jesus (2014), o racismo é:

Conjunto de estereotípicos, preconceitos e discriminações que se baseiam na crença da superioridade/inferioridade de um grupo racial ou étnico com relação ao outro, em uma conjuntura de domínio social (MULEMBA, 2014, p. 16).

Compreende-se, então, o racismo como um ato de discriminação a um grupo, julgando as características fenotípicas negras as colocando em um lugar de inferioridade no comparativo com as brancas. Ainda para Mulemba (2014), em conformidade com os estudos da obra de Jesus (2014), o racismo pode ser visto como uma crença de superioridade branca em busca de domínio aos grupos considerados inferiores. Gomes (2006, p. 35) afirma que “a construção da identidade negra se dá no espaço da casa, da rua, do trabalho e da escola”. Entende-se, portanto, que a construção da identidade da mulher negra está associada com as práticas patriarcais, em primeira instância a intimidade da mulher negra com a sua cultura ancestral se dá por ensinamentos (2006, p. 193). Existe um processo que enraíza as práticas de aceitação ou não do cabelo crespo e as relações patriarcais podem alterar o olhar da criança negra sobre o desejo de aceitação ou não de sua naturalidade.

O primeiro contato da menina negra com a estética é herdado da visão de estética patriarcal. De acordo com Gomes (2006, p. 136), a menina negra nasce em um ambiente que proporciona o olhar sobre o embelezamento negro, regido pela estética da branquitude. A sociedade racista impõe ao negro um olhar distorcido da sua beleza, onde ser belo e ter características fenotípicas dos povos brancos, é visto como referencial de beleza, um empasse que causa rejeição a aceitação do corpo e cabelo negro natural.

A rejeição do corpo negro pelo negro condiciona até mesmo a esfera da afetividade. Toca em questões existenciais profundas: a escolha da parceira, a aparência dos filhos que se deseja ter. Nesse caso, estamos diante de uma rejeição que se projeta no futuro, nos descendentes que poderão vir (GOMES, 2006, p.138).

Sob esse olhar, a rejeição a aceitação do cabelo e tom de pele gera na mulher negra uma preocupação com a sua estética capilar. Segundo Gomes (2006), o clareamento da raça é uma possibilidade de aceitação da mulher negra dentro de uma união afetiva, o tipo de cabelo que a mulher possui define a escolha da genitora na tentativa de embranquecer as próximas gerações.

3 METODOLOGIA

Esta seção torna-se necessária para apresentar os materiais e métodos adotados com a finalidade de responder o problema de pesquisa, servindo como bases sólidas, atribuindo veracidade, confiabilidade e valor acadêmico ao estudo. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p. 17), “a metodologia nasce da concepção sobre o que pode ser realizado e a partir da tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como lógico, racional, eficiente e eficaz”. Nesse estudo,

utilizou-se da abordagem qualitativa como método de pesquisa. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17),

A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Para Gil (2008), a pesquisa qualitativa busca a compreensão de um fenômeno em sua totalidade e não apenas isoladamente. Além de efetivar a busca do conhecimento de informações de forma organizada e séria, mas não abstendo-se do senso intuitivo. Utilizou-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, pois foi constituída com base em material já elaborado. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica utiliza como fontes principais livros e artigos científicos. Para Souza, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica é um aporte inicial a pesquisa científica, já que ela visa a busca de obras relevantes já publicadas na tentativa de trazer um aporte teórico seguro e eficaz ao trabalho científico e acadêmico, então já existindo um trabalho científico sobre o tema. Daí se desenvolve todo o trabalho de pesquisa.

Fonseca (2002, p. 32) afirma que todo o aporte teórico já existente se iniciou com o aporte das pesquisas bibliográficas, de tal modo, algumas pesquisas científicas podem utilizar apenas o aporte de pesquisas bibliográficas. Fonseca cita exemplos como: “[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos, páginas de web sites.”

Com o objetivo de responder ao problema do presente estudo, a pesquisa bibliográfica foi feita através de uma análise fílmica do filme Felicidade por um fio, nos meses de novembro de 2021 a janeiro de 2022. Roesler (2005) afirma que a utilização do cinema na educação apresenta variadas possibilidades desde o cruzamento de textos acadêmicos com narrativas ficcionais, de tal modo, objetivando-se a decomposição de fatos e propondo-lhe uma interpretação. A análise de um filme, em conjunto com um aporte teórico, pode proporcionar um estudo grandioso do tema proposto, a representatividade social presente na obra se completa com as teorias já desenvolvidas.

A seguir apresentamos a ficha técnica do filme analisado:

Ficha técnica: Felicidade por um fio. Título original: *Nappily Ever After*. Duração: 98 minutos
Ano de produção: 2018
Estreia: 21 de setembro de 2018 Distribuidora: Netflix
Dirigido por: Haifaa AL-Mansour Classificação: 12 anos
Gênero: comédia, drama e romance
País de origem: Estados Unidos da América (EUA)

Na presente pesquisa são levadas em consideração fontes primárias como livros e trabalhos acadêmicos em que o estudo da mulher negra e a adequação aos

padrões sociais são o principal protagonismo, assim como cenas que demonstram o papel da mulher negra na adequação aos parâmetros sociais. Estas cenas estão presentes do Início até a metade do filme, no qual a desconstrução da idealização de beleza apenas no cabelo liso também possui destaque. A análise foi abordada por meio de recursos audiovisuais, com ênfase na observação e descrição do filme, em suas cenas relevantes ao tema proposto. O objetivo da análise é concluído com a ajuda do aporte teórico, presente em livros e trabalhos acadêmicos, que retratam a mulher negra como principal gênero de estudo. O filme foi assistido quatro vezes para que fosse feita uma análise concisa. A primeira foi uma observação inicial, apenas em uma perspectiva pessoal, a segunda foi feita uma análise de conhecimento da personagem principal, a terceira foi uma microanálise das falas e atos dos personagens voltando-se ao tema proposto e a quarta e última, buscou efetivar a análise da fala e atos dos personagens de modo a solucionar o problema de pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o pré-estabelecido no início da pesquisa, o objetivo geral deste estudo é analisar os motivos pelos quais mulheres negras de cabelo crespo enfrentam dificuldades em utilizar o seu cabelo natural, com base na observação da personagem Violet, do filme “Felicidade por um fio”. Assim sendo, esta seção faz-se necessária, pois tem como objetivo identificar cenas e falas que especifiquem as principais características presentes no filme que respondem a essa problemática.

4.1 Apresentação da trajetória da protagonista

A história contada na narrativa fílmica é baseada no livro de Trisha Thomas, comédia romântica “*Nappily Ever After*” que aborda racismo, aceitação, e representatividade, onde a personagem principal, Violet Jones, uma publicitária bastante perfeccionista, não se permite cometer erros. Desde criança Violet conviveu em um ambiente pouco saudável. Sua mãe a impôs desde pequena a se adequar a um padrão de beleza estética que não a pertencia, construindo na filha traços de identidade branca. A fazendo esticar os fios do cabelo com pente aquecido, não a permitindo despentear seu cabelo e, tão pouco, tomar banho de piscina publicamente. Em cada cena descrita no filme podemos observar todos os anos que Violet se submeteu à aprovação das outras pessoas como a principal fonte de sua autoestima. No decorrer da narrativa fílmica a personagem se aproxima de pessoas que a fazem questionar o verdadeiro sentido de sua existência.

Através desse choque de realidade, Violet Jones cai em um profundo desespero quando percebe que sua perfeição não a faz suficiente para viver uma vida amorosa. Daí por diante a personagem passa a se reconstruir e ignorar o preconceito e a desvalorização da estética negra, passando por uma transformação física e pessoal. Violet passa a enxergar que todos os anos que ela se modificava para caber dentro da realidade dos outros a fez muito mal, ela havia se tornado uma mulher, bem-sucedida, mas pouco realizada na vida pessoal.

4.2 Análise dos dados da narrativa fílmica

Ao longo da narrativa é possível observar que a protagonista passa por diversas situações que trazem à tona a reflexão e interpretação de fatos históricos e sociais que dificultam a aceitação de suas características físicas. Podendo citar: a opressão familiar, a rejeição do mercado de trabalho, a submissão a relacionamentos amorosos desconstrutivos. Em sua primeira cena a protagonista narra e vive uma situação complexa e que demonstra obviamente a opressão que sofre por parte de sua matriarca na tentativa de adaptá-la ao convívio com a sociedade, de tal modo que a mãe da protagonista não a permite viver como uma criança normal e a molda em conjuntura com suas regras. Para Hall (1998), a identidade da criança é formada em relação com os outros. A criança se espelha na poderosa influência dos pais sob sua autoimagem.

A cena que transmite essa vivência na vida de Violet traz uma forte expressão da opressão do natural e da não aceitação do cabelo crespo por parte de sua mãe, na tentativa de engajá-la em um meio social de branquitude e personificação da beleza padronizada.

Ela era uma fonte sempre presente de ansiedade, e para certificar que eu estivesse sempre tão bem-preparada como qualquer outra criança branca, elas brincavam com o cabelo despenteado, descalças, vestígios de tudo que tinham comido manchados nos seus rostos. Completamente felizes e indiferentes a quaisquer possíveis defeitos em sua aparência. Eu, por outro lado, tinha que ser concertada (2:0m 05s).

O racismo está enraizado nas práticas e nos costumes da própria população negra. Para Gonçalves (2019), a desigualdade estrutural é uma mediadora entre a desigualdade social e a tentativa dos povos negros de buscar reconhecimento e valor nas práticas de aproximação das características fenotipicamente brancas. Isso explica, de certo modo, o posicionamento das famílias em contato com a criação de seus filhos.

Uma vez por semana era lavar, condicionar, e passar pente quente até que meu cabelo estivesse liso o suficiente para passar os dedos nele, sem quebrar, estalar, ou arrebentar, só então eu estava perfeita (0:2m 58s).

Os ensinamentos passados por gerações para a menina negra de cabelo crespo criam uma rotina de não aceitação da beleza natural. Apesar de todo trabalho e perigo para adquirir características próximas à mulher de pele branca, a menina de cabelo crespo já se internalizou como inferior e busca nessas alternativas a aceitação da sociedade.

Para Carneiro (2003), desde o período colonial a mulher negra era vista como um objeto de pouco valor, servindo apenas para os trabalhos domésticos, trabalhos laborais e para a prática de relacionamento sexual não consentido. Hooks (1995) afirma que para as mulheres negras não era dada a oportunidade de viver um amor ou constituir uma família. Em uma das primeiras cenas da narrativa que traz a questão dos relacionamentos amorosos da personagem principal, Violet está deitada ao lado de seu namorado Clint. Ela levanta da cama antes que ele possa acordar e vai alisar o seu cabelo com uma prancha. Ao acordar, seu namorado mantém relações afetivas e essas trocas de carícias perturbam a personagem, que tem medo de ter seu cabelo assanhado (07m 33s). Para Gomes (2006), a rejeição do negro a seu corpo e aspectos físicos o condiciona a se rejeitar em troca de afetividade,

Seguindo a ideologia de que o movimento de branqueamento da mulher negra surge da necessidade de fugir dos conflitos provocados pela herança de escravidão, Paiva e Campos (2018) dizem que o peso da escravidão impôs à mulher negra particularidades negativas em todos os aspectos sociais e principalmente no mercado de trabalho. Violet Jones, que protagoniza a narrativa, demonstra em boa parte do filme ser uma mulher empoderada, ciente de sua beleza de seu poder e domínio feminino diante de seus colegas de trabalho. Ao chegar à empresa onde trabalha como publicitária de produtos de beleza, Violet arranca elogios e olhares de todos os homens à sua volta. (9m 20s).

Em um outro momento do filme, a protagonista sofre uma ação que a deixa transtornada. Ao sair na rua com suas duas melhores amigas algumas crianças estão brincando com uma mangueira e acabam a molhando. Por consequência, molhando principalmente o seu cabelo. O desespero toma de conta da publicitária que logo se dirige à sua casa e liga para sua mãe pedindo urgência em sua ajuda (11m 42s). Hooks (2014) afirma que essas práticas de ensinamento patriarcal emergem do contexto social e político, indicando um racismo enraizado, interiorizando um ódio a si mesmo resultante de baixa autoestima.

(Gritos)...Mãe, me liga. Não consegui horário no meu salão de sempre. Preciso de ajuda, ligue assim que puder. Assim que receber essa mensagem, tá. (11m 42s).

Em uma conversa com uma de suas amigas de infância, a personagem principal diz algo que deixa a amiga incomodada “Seu marido sabe sobre o seu cabelo crespo? Porque eu tenho muitas fotos de nós duas na faculdade” (11m 58s). Para Moreira (2021), durante muito tempo a população negra conviveu com a afirmação da beleza presente no cabelo liso, e quem não estivesse nesse padrão de beleza teria suas características físicas associadas a algo feio. Dessa forma, a mulher negra passou a não só querer utilizar o cabelo quimicamente alisado, como também a acreditar que só ele era um referencial de beleza. Com essa relação de ódio pela própria aparência a personagem principal da narrativa comete atos racistas extremamente refletivos de seus próprios aprendizados quando criança. A desvalorização do natural e a não aceitação do crespo como pertencente à sociedade. Em um diálogo com uma criança de cabelo crespo em salão de beleza, Violet deixa transparecer toda sua repulsa ao uso do cabelo crespo.

[...]Minha mãe teria me dado uma surra por abrir a boca, e ter um cabelo tão bagunçado. (13m 12s).

[...]Ela é sua filha com aquele esfregão na cabeça? (15m 12s).

Após ser molhada por alguns garotos que brincavam na rua, Violet, em desespero, vai até um salão de beleza na tentativa de arrumar o cabelo a tempo de seu jantar de aniversário, só que durante um mal entendido no salão ela acaba perdendo seu cabelo que cai pela metade. (16m 15s).

[...] você pode pensar o que quiser de mim, mas em poucas horas o meu homem vai me pedir em casamento. Então, sugiro que você vá a uma loja de cabelereiro agora e compre o melhor cabelo que puder pagar e descubra como colocar ele na minha cabeça. (16m 37s).

Mesmo dedicando-se absolutamente à sua aparência e perfeição, Violet não consegue o que ela tanto queria, que é ser pedida em casamento por um homem que a amasse e para agradar sua mãe que fosse bem-sucedido. Clint, seu noivo, em discurso na comemoração do aniversário de 35 anos de Violet apenas a presenteia com um cachorro e diz que não sabia o que dar a uma mulher que era perfeita demais, e que sua perfeição não era natural (17m 19s).

Ao receber o presente, a personagem fica desorientada. Ela se pergunta o que há de errado com ela para que seu namorado não a pedisse em noivado, (18m 32s). Para Carvalho (2020), as mulheres pretas geralmente acham que há algo de errado com elas quando o relacionamento amoroso não dá certo ou por não serem preteridas afetivamente. Mesmo com tantas dificuldades em se relacionar com Clint, Violet Jones, após algum tempo separada, decide reatar o namoro e no dia do seu noivado ela é surpreendida por seu namorado com a seguinte fala:

Amor, será que você não poderia fazer alguma coisa no cabelo? Deixar liso, eu acho que está ótimo! Quer dizer...as mulheres fazem coisas diferentes no cabelo o tempo todo. Então, não é grande coisa, né? Me desculpe só quero que tudo esteja perfeito essa noite (1h 23m).

Para Stevaux (2016), a mulher negra não é vista socialmente como alguém para ser amado e segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010), 52,52% das mulheres negras de pele escura não estão em um relacionamento estável. Stevaux, (2016) afirma que a solidão da mulher negra é herança da padronização da beleza branca.

Em alguns relacionamentos afetivo-sexuais, a situação de rejeição do cabelo crespo chega a extremos. Há situações narradas por mulheres negras-pretas e pardas -nas quais lhe é imposto o uso do cabelo alisado, de alongamento ou tranças e, até mesmo, de perucas que encubram a textura crespa. O não aceite dessa condição por meio da adoção de uma postura política e crítica tem implicações sérias, indo desde a violência doméstica, assédio moral, chegando até a rompimento de relacionamentos (GOMES, 2006, p. 20).

Para Souza (2015), a ideia de que o cabelo liso e comprido é mais bonito e a percepção da mulher negra de que quando conheceram seus companheiros já teriam o cabelo liso, faz com que elas usem esse tipo de argumento para encobrir o racismo que vem sofrendo, na tentativa de não se sentirem sozinhas e refém dos danos que o pensamento racista pode causar. Muitas vezes elas cedem ao desejo do companheiro adequando-se às mudanças estéticas radicalistas ou as mantendo. Na cena que se passa aos 41m 58s, Violet, agora careca, se arruma e vai ao trabalho pela primeira vez desde o acontecimento. Ao percorrer pelos lugares de costume ela percebe que os homens não a notam mais. Ela passa despercebida e vai direto ao banheiro onde se tranca e não consegue sair de lá com vergonha de sua nova aparência.

Para Queiroz (2019), o racismo que a mulher negra enfrenta em relação à espessura de seu cabelo é uma forma de impactar negativamente a sua vida pessoal e social, de tal modo os efeitos do racismo em sua autoestima fazem com que as mulheres procurem cada vez mais técnicas de distanciamento da sua fisionomia raiz. Em um diálogo entre a personagem Violet e seu patrão, Violet

cansada do domínio da beleza padronizada na estética branca, e logo após raspar a cabeça, propõe em diálogo o seu desvinculo com o ramo da beleza, dizendo que nunca perdeu uma cota na empresa durante seis anos, e que almeja trabalhar em outro setor da empresa que não esteja ligado à beleza (46m 41s).

A imagem da mulher negra para a sociedade é uma imagem vinculada a hipersexualização. Para Carvalho (2015), os negros que se opõem aos padrões estéticos europeus têm muito menos chances de se lançar ou manter no mercado de trabalho e na tentativa de se adequar aos padrões estéticos passam a alisar o cabelo para terem mais chances de serem aceitos. Ainda em diálogo com seu patrão, Violet ouve que ela é a garota dos contos de beleza da empresa e que nisso ela era ótima, (46m 48s). O fato de Violet não ter mais cabelo somada a fala de seu patrão demonstra o quanto para os padrões estéticos trabalhistas existe a necessidade de afirmação da beleza no uso do cabelo liso e a hipervalorização da estética no mercado de trabalho. Para Souza (1990, p. 19), o que faz o negro tomar como base a tradição e os costumes da adequação aos padrões da sociedade branca está ligado à concepção que o define como submisso e inferior, de tal modo o negro não consegue enxergar em si mesmo algo de positivo e acaba por tomar o branco como modelo de identidade.

Ao expor que queria a cota de uma publicidade de uma marca de cerveja, Violet ouve de seu patrão que ele não queria ofendê-la, mas que a cota era muito importante (47m 10s). Para Pereira e Lima (2017), por questões culturais, existe uma desvalorização da mão de obra feminina que englobam diferença de gênero e preconceito. Na passagem seguinte, Violet consegue convencer seu patrão a aceitá-la na cota nova. Ele afirma que dará uma chance a Violet, mas que se não obtiver os resultados que deseja e se não for surpreendido a velha Violet terá que retornar, (47m 42s). A velha Violet seria para seu patrão a mulher de estilo sedutor, clássico e de cabelos liso, pois era assim que Violet se apresentava quando trabalhava no marketing do ramo de beleza. Para Pereira (2021), a mulher negra em busca de prestígio e reconhecimento pode exagerar na responsabilidade pela representação da raça, em busca de força e autossuficiência, acaba sofrendo calada. Em outro diálogo entre a personagem principal e a criança de cabelos crespos,

Violet externa conflitos interiores que dizem como ela se sente em relação ao racismo matriarcal que sofreu na infância. Ela está fazendo tranças no cabelo da criança e relata que sempre quis fazer nela. Porém, sua mãe nunca autorizou. [...] Sempre quis fazer tranças quando era mais nova. Minha mãe nunca deixava (51m 43s).

Finalizando o ponto da questão da não utilização do cabelo crespo pela protagonista da narrativa, relatando uma relação de não aceitação das características fenotípicas por parte de sua mãe e as várias tentativas de mudar o estereótipo visual de sua filha ao longo de todo o filme, pode-se inferir que a personagem foi adaptada por sua matriarca a política de padronização social que não aceita as características físicas da mulher de pele preta e cabelo crespo. Hooks (2014) afirma que as mulheres negras por obsessão a aceitação social de seus cabelos, acabam por inseguramente se submeter ao processo de alisamento dos fios.

Em um último diálogo com sua mãe, Violet transmite em palavras toda sua dor ao ter sido moldada desde a infância para se adequar aos padrões estéticos ditados pela ditadura do liso e belo. A fala de Violet foi proferida em sua vida adulta, mas foi algo que ocorreu em sua infância e que a marcou negativamente ela

transborda toda sua dor em um discurso emocionante que demonstra que existe a necessidade de valorização das características da mulher negra pela sua família e as pessoas de seu convívio. Quando o indivíduo não tem apoio familiar ele passa a acreditar que realmente tem um problema.

Quando eu tinha dez anos nós fomos a um piquenique da empresa do papai e eu pulei na piscina, você lembra disso? Meu cabelo virou um ninho e todas as crianças começaram a rir de mim, você me arrancou da piscina me colocou dentro do carro e fomos embora. Me pergunto quem eu seria se você tivesse me abraçado e dito que eu ainda era linda (1h 27m).

Para Gomes (2006, p. 136), existe um conflito que foi construído socialmente entre a experiência familiar e as questões raciais, onde as famílias negras seguem uma ideologia de branqueamento na tentativa de se afastar o máximo possível das sequelas da escravidão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu entender os motivos pelos quais mulheres negras de cabelo crespo não utilizam seu cabelo natural, estudo fermentado a partir da análise da personagem Violet. O tema é de grande valia para a sociedade atual, mesmo com o crescimento da aceitação dos penteados de origem africana, ainda existe uma forte opressão ao movimento. Objetivou-se analisar, diante o comportamento da personagem da narrativa fílmica, os motivos da não aceitação da mulher negra a seu cabelo natural. Conforme observado, a personagem desde pequena foi submetida ao trato familiar de não aceitação. Ela foi condicionada a não se aceitar como fenotipicamente negra. Deste ponto foram ocasionados vários problemas de aceitação. Ela não conseguia se sentir aceita socialmente, nos relacionamentos amorosos e no mercado de trabalho, com o cabelo crespo.

Para se atingir uma compreensão da não aceitação da mulher negra a seu cabelo natural, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro, como a mulher negra se relaciona com a sua família, isso pode influenciar na sua conduta. O segundo objetivo, visou a compreensão da mulher negra no mercado de trabalho e o terceiro analisou as relações da mulher negra no que cerne a amorosidade. Com isso, a hipótese de que as mulheres negras não utilizam seu cabelo natural por questões patriarcais, ensinamentos, traumas, pensamentos de não aceitação, rejeição de relacionamentos amorosos e pouca oportunidade no mercado de trabalho, se confirmou por motivos evidenciados durante toda a narração fílmica.

Sendo assim, a mulher negra de cabelo crespo não utiliza seu cabelo natural por consequente herança da escravidão. Sempre se viu inferior a mulher branca, nunca conseguiram ser reconhecidas como belas tendo seu cabelo crespo. Como foi visto, durante a infância, a mulher negra era ensinada a domar seu cabelo, manter preso, trançado, com penteados que o disciplinasse, mas nunca que o mostrasse. O alisamento era uma opção para as mulheres de cabelo crespo. Nos relacionamentos afetivos a mulher negra sempre se sentiu inferior, uma mulher para o sexo. No trabalho observa-se que a mulher negra tem que se esforçar o dobro para ter um bom emprego e ser reconhecida. Enfim, existe uma luta urgente e necessária para mudar essa realidade. Especialmente em países como o Brasil, constituído de uma população negra que aqui chegou pela escravidão. A valorização do povo negro e especialmente da mulher negra é uma luta de toda uma sociedade que defenda os princípios humanitários e democráticos.

REFERÊNCIAS

BOSCARIOL, Mariana Melo. **Movimento Black Power**: As origens históricas da luta civil contra o racismo. Portal fashion bubbles, 2021, disponível em: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/movimento-black-power/>. Acesso em: 17 out. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2013.

CARVALHO, Eliane de Paula. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. 2015, Curitiba.

CARVALHO, Elis. **A solidão da mulher negra no amor, na maternidade e no mercado de trabalho**. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/a-solidao-da-mulher-negra-no-amor-na-maternidade-e-no-mercado-de-trabalho-1120>. Acesso em: 01 dez. 2021.

DEBENGUELA. **Dicas de penteados para cabelo crespo-De Benguela**. Disponível em: <https://debenguela.com.br>. Acesso em; 05 dez. 2021.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **A disciplina e prática da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

DPE PR. **Racismo**: Herança viva de um passado escravocrata. 2016. Disponível em: <https://www.defensoriapublica.pr.def.br/2016/11/572/Artigo-racismo-heranca-viva-de-um-passado-escravocrata.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

FFW. **Potencialidades penteados afro**. A história e seus cruzamentos na moda. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br>. Acesso em: Acesso em; 05 dez. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. 2003. Portal Scielo Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HABERMAS, Jurgen. **As definições teóricas de direitos humanos**. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 15 out. 2021.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria da ação comunicativa**. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zsys53TwhnSwvDXzGTrjWxd/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOOKS, Bell, **Intelectuais negras**. Revista de estudos feministas, vol. 3, Florianópolis, UFSC, 1995.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba- Union de escritores y artistas de Cuba, tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, jan-fev 2005.

IBGE. Censo 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 dez. 2021.

KING, Amanda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota na nossa cabeça**. Geledés instituto da mulher negra, 2015, Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/>. Acesso em: 17 out. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MONTEIRO, Edemar Souza. **Construção da identidade no contexto sociocultural dos sujeitos**. 2011, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso, Mato Grosso, 2011.

MOREIRA, Cibeli. **Mulheres negras relatam como abraçaram raízes afro ao aceitar os cabelos naturais**. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/11/4964224-beleza-e-forca-na-cabeca.html>. Acesso em: 01 dez. 2021.

MULEMBA. **O racismo visto da ótica de quatro autores**. Revista Angolana de ciências sociais. 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mulemba/314?lang=em>. Acesso em: 17 out. 2021.

MUNANGA, Kabenlege. **Desafiando o preconceito racial**. 2000. Disponível em: <https://30reuniao.anped.org.br.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.

PAIVA, Talita de Teixeira; CAMPOS, Ana Paula da Silva. **As mulheres negras e o enfrentamento ao racismo no Brasil: Elementos introdutórios**. Vitória: ENPSS, 2018.

PEREIRA, Clara Maria. **Desafios das mulheres negras no mercado de trabalho**. 2021. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/desafios-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho/>. Acessado em: 05 dez. 2021.

PORTAL GELEDÊS. **Mulher negra uma análise da raça**. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulher-negra-uma-analise-da-raca/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

QUEIROZ, Rafaela Cristina de Souza. **Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra**. 2019. CGT. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9475>. Acesso em: 02 dez. 2021.

RAMPAZZO, Lino. **Racismo: Um posicionamento crítico**. Portal hoje em dia. 2018. REVISTA USP. São Paulo, Povo negro. 1996.

ROESLER, Jucimara. **Narrativa fílmica**. Imaginário e educação, sessões do imaginário. Porto Alegre, V 13, 2005.

SALÃO VIRTUAL. **Dread e tranças**. Disponível em: <https://salaovirtual.org>. Acesso em; 05 dez. 2021.

SALÃO VIRTUAL. **Salão virtual tranças africanas**. Disponível em: <https://salaovirtual.org>. Acesso em; 05 dez. 2021.

SILVA, Tayanne. **Símbolo de resistência, a trança nagô é motivo de orgulho para a mulher preta**. 2020. Correio Braziliense. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/revista-do-correio/2020/11/4890485-simbolo-de-resistencia-a-tranca-nago-e-motivo-de-orgulho-para-a-mulher-preta.html>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SOUZA, Maressa de. **Relacionamento amoroso e transição capilar: Um capítulo à parte**. 2015. Disponível em: <https://cacheia/2015/04/relacionamento-amoroso-e-transicao-capilar-um-capitulo-a-parte/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

STEVANUX, Débora. **A mulher negra não é vista como um sujeito para ser amado**. Revista Claudia. 2016.

ZEIGER, Claudio. **A arte do penteado africano**. 2011. Disponível em: <https://claudio-zeiger.blogspot.com/2011/10/arte-do-penteado-africano.html?m=1>. Acesso em: 16 out. 2021.

AGRADECIMENTOS

Carrego meu peito cheio de gratidão pelos meus antepassados, por tudo que passaram e por tudo que passamos.

Grata estou pela literatura que me encontrou de alma vazia e preencheu-me de tormentas honrosas.

Por fim, obrigada mãe, vó, vô, irmãs, sobrinhos, meus filhos, tia e meu gato Péri. À minha orientadora, Prof^a. Val Margarida, que tem nome de flor, e é tão suave quanto.

Amo cada um/uma a todos e todas dedico, com amor, essa pesquisa. Obrigada!